

A FALÁCIA PRÉ/TRANS

(Excertos do Capítulo 8 do livro EYE TO EYE de Ken Wilber)

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

A natureza geral da Falácia Pré/Trans

O conceito da Falácia Pré/Trans – vamos chamá-la "fpt" para facilitar – advém da filosofia do desenvolvimento, que é representada mais efetivamente por Hegel no Ocidente e Aurobindo no Oriente, e da psicologia do desenvolvimento, que é resumida por Baldwin e Piaget no Ocidente e pelo yoga kundalini no Oriente. Essa visão desenvolvimentista-evolucionária sustenta que no *mundo de maya* todas as coisas existem no tempo; como o mundo do tempo é o mundo do fluxo, todas as coisas do mundo estão em constante mutação; mutação implica em algum tipo de diferença de estado para estado, isto é, algum tipo de *desenvolvimento*; assim, todas as coisas neste mundo só podem ser concebidas como algo que se desenvolveu. O desenvolvimento pode ser para frente, para trás ou estacionário, mas ele nunca está totalmente ausente. Em resumo, *todos os fenômenos se desenvolvem*, e, assim, a fenomenologia verdadeira é sempre evolucionária, dinâmica ou desenvolvimentista – esse, por exemplo, é o ponto central da *Phenomenology of Spirit* de Hegel.

De acordo com esse ponto de vista, então, qualquer fenômeno ocorre em uma corrente de desenvolvimento, e uma das melhores maneiras de entender sua natureza é tentar reconstruir seu desenvolvimento – reconstituir sua história, mapear sua evolução, descobrir seu *contexto*, não só no espaço, mas também no tempo. Esse ponto é crucial em si mesmo, e retornaremos a ele diversas vezes. Mas, por enquanto, vamos seguir diretamente para o próximo ponto: se tentarmos visualizar o mundo como um todo nesses termos desenvolvimentistas, o mundo parece estar evoluindo numa direção definida, isto é, em direção a um maior holismo, integração, senso de percepção (*awareness*), consciência, etc. Realmente, uma breve análise dos dados evolucionários até os dias de hoje – a matéria para as plantas, para os animais inferiores, para os mamíferos, para os seres humanos – mostra-nos um crescimento pronunciado em direção a uma crescente complexidade e percepção.

Muitos filósofos e psicólogos, deparando-se com esse fluxo evolucionário, concluíram que, não só os fenômenos podem ser mais bem entendidos como algo que se desenvolveu, como também que o desenvolvimento em si mesmo está convergindo para o númeno. Todos estamos familiarizados com a concepção evolucionária do ponto ômega de Teilhard de Chardin e com a tendência evolucionária para a supermente de Aurobindo, mas o mesmo conceito foi sustentado no Ocidente por filósofos como Aristóteles e Hegel. Hegel, por exemplo, afirmou que "O Absoluto é o *Espírito* no processo do seu próprio devir, o círculo que pressupõe seu fim como seu propósito e que tem seu termo no seu começo. Ele se torna concreto ou real somente pelo seu desenvolvimento..." O "fim" de que Hegel fala é similar à supermente e ao ponto ômega – é um estado de "conhecimento absoluto" onde "o *Espírito* se conhece a si mesmo na forma de *Espírito*".

Assim a história (evolução) era, para Hegel, como também para a *filosofia perene* em geral, o processo de autorrealização do *Espírito*.

Significativamente, Hegel sustentou que esse processo de desenvolvimento ocorre em três estágios principais: começa com a natureza, o domínio inferior – o domínio da matéria e das sensações e percepções corpóreas simples. Denominaremos esse domínio *pré-pessoal* ou *subconsciente*. Hegel fala costumeiramente da natureza subconsciente (isto é, do domínio pré-pessoal) como uma "queda" (*Abfall*) – mas não que a natureza esteja contra o *Espírito* ou divorciada do *Espírito*. Simplesmente a natureza é o "*Espírito* adormecido", ou "Deus em uma de Suas formas". Mais especificamente, a natureza é o "*Espírito* autoalienado", ou a forma *inferior* do *Espírito* em seu retorno ao *Espírito*.

Na segunda fase do retorno do *Espírito* ao *Espírito*, ou da superação da autoalienação, o desenvolvimento se move da natureza (pré-pessoal) para o que Hegel chama o estágio autoconsciente. Esse é o estágio típico da percepção "egoica" ou mental – o domínio que denominaremos *pessoal, mental e autoconsciente*.

Finalmente, de acordo com Hegel, o desenvolvimento culmina no Absoluto, ou no *Espírito* descobrindo o *Espírito* como *Espírito*, um estágio/nível que chamaremos *transpessoal ou superconsciente*.

Observemos, então, a sequência completa do desenvolvimento: da natureza para a humanidade, para a divindade; do subconsciente para o autoconsciente, para o superconsciente; do pré-pessoal, para o pessoal, para o transpessoal. Isso está representado na Fig. 1. Exatamente esses três principais estágios podem ser encontrados em Berdyaev e Aurobindo, e Baldwin aproxima-se muito deles com sua noção de pré-lógico, lógico e hiperlógico. Assim, essa concepção tem uma base extremamente abrangente.

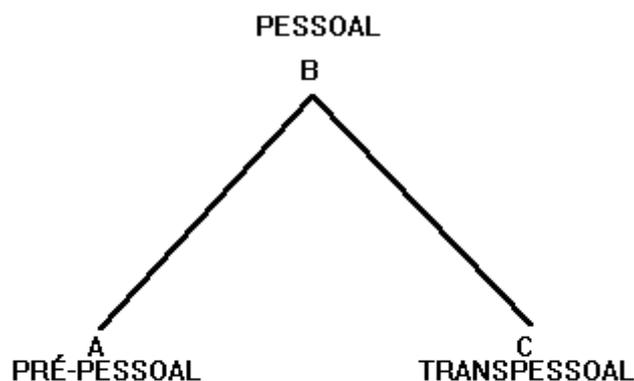


Fig. 1

Necessitamos somente de mais uma ferramenta teórica. Se o movimento do inferior para o superior é evolução, então o contrário, o movimento do superior para o inferior, é *invólução* (vide Fig. 2). A natureza se torna uma "queda" ou "Deus adormecido" ou "*Espírito* autoalienado" através do processo anterior de involução, ou de descida e "perda" do superior no inferior. Chama-se isso "Big Bang", quando a matéria – o domínio inferior – começou a existir a partir do Vazio (*sunyata*).

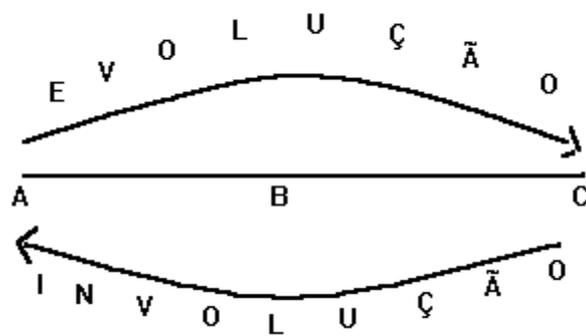


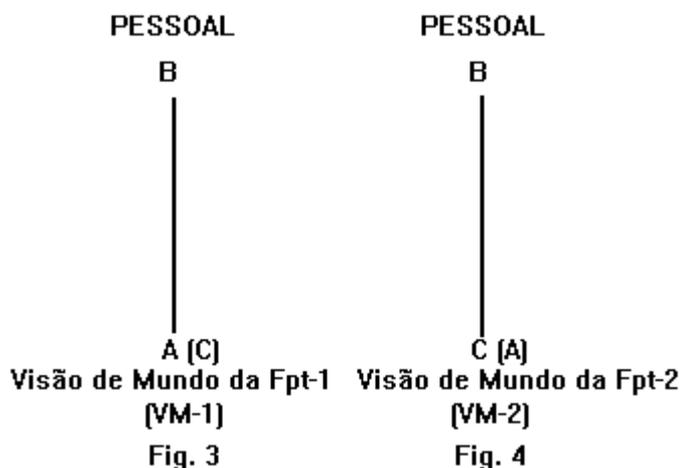
Fig. 2

Evolução é a reversão subsequente da *Abfall*, o retorno do *Espírito* ao *Espírito* via desenvolvimento. Aurobindo escreveu extensivamente sobre esse assunto, e não posso fazer mais nada além de recomendar os seus trabalhos. Entretanto, deve-se ressaltar que se pode considerar a involução simbolicamente e metaforicamente, ou pode-se considerá-la literalmente ou metafisicamente, mas em nenhum caso ela deve ser confundida com qualquer movimento ou sequência de movimentos na *evolução*. Isso seria o mesmo que confundir o crescimento com a concepção. De qualquer modo, mesmo que rejeitemos totalmente as noções cosmológicas de involução de Hegel e Aurobindo, poderemos certamente falar de involução no sentido geral do movimento do superior para o inferior – nesse sentido, ela é simplesmente o fenômeno de regressão. Qualquer uma dessas interpretações será suficiente para este capítulo.

Retornemos agora ao processo global da *evolução*, ou crescimento e desenvolvimento em geral; aqui, é onde a fpt aparece (darei, inicialmente, uma versão simplificada e a refinarei posteriormente):

Como o desenvolvimento se dá do pré-pessoal para o pessoal, para o transpessoal, e *como* tanto o pré-pessoal como o transpessoal são, cada um a seu modo, não-pessoais, *então* pré-pessoal e transpessoal tendem a aparecer como similares, até mesmo idênticos, para o observador despreparado. Em outras palavras, as pessoas tendem a confundir as dimensões pré-pessoal e transpessoal – e aí está o cerne da fpt.

Essa falácia apresenta-se sob duas formas principais: a redução do transpessoal ao pré-pessoal, que chamaremos fpt-1, e a elevação do pré-pessoal ao transpessoal, que denominaremos fpt-2. Voltando à Fig. 1, o ponto é que se a diferença sutil, porém drástica, entre A e C não for entendida, as duas extremidades do mapa de desenvolvimento de uma pessoa são colapsadas uma na outra. Na fpt-1, C é colapsado ou reduzido a A (e, então, C deixa de existir) – Fig. 3. Na fpt-2, A é colapsado ou elevado a C (e, então, A deixa de existir) – Fig. 4. Ao invés de duas pernas para o desenvolvimento, passamos a ter um eixo único.



Esse colapso cria instantaneamente duas visões opostas de mundo. Como o mundo real continua contendo A, B e C, a fpt-1 e a fpt-2 ainda abrangerão o espectro completo da existência, mas ambas, necessariamente, interpretarão o mundo à luz de suas respectivas deficiências. Assim, em concordância com as duas formas de fpt, foram geradas duas visões gerais de mundo, precisamente como mostrado nas Figs. 3 e 4.

Ora, ambas as visões de mundo reconhecem o domínio do pessoal e, ainda mais, em ambas, o desenvolvimento é entendido como tendo *culminado* no domínio pessoal (isto porque o domínio pessoal é o ponto de pivotamento B, o único ponto que as duas visões têm em comum). A partir daí, elas divergem drasticamente, mas suas características podem ser inferidas com impressionante exatidão das Figs. 3 e 4, respectivamente.

A visão de mundo 1 (VM-1) vê o desenvolvimento movendo-se de uma fonte pré-pessoal na natureza, através de uma série de avanços intermediários, até culminar no "ponto alto" da evolução – a racionalidade humana. Ela não reconhece fontes ou objetivos superiores de desenvolvimento e, veementemente, nega a necessidade de se mencionar esses supostos níveis "superiores". O homem é um ser racional, e a racionalidade é tudo que é necessário para compreender e ordenar o cosmo. Isso se parece muito com a ciência ortodoxa.

Por outro lado, a VM-2 vê o desenvolvimento movendo-se de uma fonte espiritual ("no céu") até culminar em um "ponto inferior" de alienação – uma humanidade pecadora ou um ego individual e pessoal. A História, então, passa a ser a história de uma queda, não um movimento para cima, e a humanidade (ou o ego pessoal) está na extremidade dessa queda, exatamente como mostrado na Fig. 4. Isso se parece muito com a religião ortodoxa.

Entretanto, a parte difícil e intrincada é que, enquanto a falácia pré/trans em si mesma é um erro, as duas visões de mundo geradas pelas duas fpts são metade verdadeiras e metade falaciosas – e *isto* é que dificulta a decisão sobre seus méritos relativos. Elas são verdadeiras quando tratam das metades do desenvolvimento que não exaltaram ou reduziram, e falaciosas quando tratam da metade que distorceram. Sendo mais específico:

Basicamente, podemos visualizar o desenvolvimento global em termos de: (1) sua natureza, ou seus componentes – o que envolve aspectos pré-pessoais, pessoais e transpessoais, e (2) sua direção, o que exige algum tipo de entendimento (implícito ou explícito) de evolução e involução. Assim, devemos esperar que cada uma dessas grandes,

porém parciais, visões de mundo digam algo verdadeiro e falso sobre a natureza e a direção do desenvolvimento. Isto é, cada uma dessas visões de mundo contém *duas* importantes verdades e *dois* grandes erros. Mais especificamente, reportando-se à natureza e à direção: VM-1 está correta em afirmar que: (1) possuímos um componente pré-pessoal, irracional e subconsciente, que realmente precede o racional e o pessoal na evolução, e (2) a direção da evolução real ou histórica é efetivamente do inferior para o superior. Ela está errada quando: (1) nega a existência de um componente transpessoal, e (2) nega que deve haver um movimento real de descida do *Espírito*, uma *Abfall* involutiva da união com e como Deus.

VM-2 está correta ao afirmar que: (1) existe um componente transpessoal no cosmo, e (2) há um certo sentido em que estamos todos "em pecado", ou vivendo alienados e separados de uma suprema identidade com o *Espírito*. Entretanto, está errada ao afirmar que: (1) o ego individual, ou personalidade racional pensante, é o ápice da alienação do *Espírito*, e errada, então, em manter que (2) um Éden verdadeiro *precedeu* o ego na evolução (ou que o ego pessoal *causou* o pecado original).

Esses dois últimos pontos talvez mereçam um esclarecimento. VM-2 mantém que o ego racional é o ponto mais alto da alienação do *Espírito* e que, desse modo, a evolução antes do ego era um Jardim do Éden livre do pecado original. Consequentemente, o aparecimento do ego (Adão) é, em termos práticos, sinônimo do aparecimento do pecado original.

Mas essa é simplesmente a visão de mundo da fpt-2. De fato, como Hegel e Aurobindo demonstraram, a *alienação original*, ou o ponto mais alto da alienação, começa com a natureza material. A natureza, ou o mundo pré-pessoal, *já é* o *Espírito* autoalienado, sem qualquer participação do ego; e mais, a natureza é o *maior* ponto de alienação do *Espírito*. VM-2 perde esse detalhe crucial porque ela só vê claramente o movimento de C para B e não capta a existência da perna B para A, que constitui o extremo real da separação espiritual. O ego (B) é simplesmente a primeira estrutura suficientemente desenvolvida para *reconhecer* autoconscientemente que o mundo já é um decaimento do *Espírito*. O que aconteceu no Jardim do Éden histórico (algumas centenas de milhares de anos atrás) não foi a instigação do pecado original (ou separação original do *Espírito*), mas a apreensão original de uma separação original já ocorrida. O fato que, agora, o ego pode escolher entre ir em direção do *Espírito* ou negá-lo, simplesmente reforça a ilusão de que a existência do ego, sozinha, é a instigadora de toda a alienação do cosmo.

Em outras palavras, VM-2 confunde a Queda verdadeira que ocorre na involução com uma suposta queda que teria ocorrido na evolução. E ela é forçada a agir dessa maneira simplesmente porque só reconhece claramente o eixo entre B e C e, desse modo, falha em tomar conhecimento da queda prévia para o ponto A. Assim, a aparência é que, com a ascensão evolutiva do ego, o *Espírito* atinge o zênite da alienação, quando, de fato, com a ascensão do ego, o *Espírito* está a meio caminho de volta para casa: ele saiu da subconsciência pré-pessoal da natureza para a autoconsciência pessoal do *Espírito*. O fato de que o ego, a meio caminho de volta ao *Espírito*, é a primeira estrutura suficientemente inteligente para *perceber* o estado decaído de existência, faz parecer, incorretamente, que ele mesmo foi a causa da doença, quando, na realidade, está a meio caminho da cura.

Assim, o ego é, certamente, parte do mundo decaído ou alienado, e como primeiro reconhecedor dessa alienação, sofre duplamente. Esse novo sofrimento faz com que o ego

pense que, já que ele não sofria antes, anteriormente deveria ter sido uma benção transpessoal, quando na verdade foi apenas uma ignorância pré-pessoal. A natureza está adormecida no pecado, e Deus está acordado sem pecado – mas os seres humanos estão no meio: acordados *com* pecado. Ou: a natureza é a imperfeição inconsciente, Deus é a perfeição consciente, mas a pobre humanidade é a imperfeição consciente. Agora, os seres humanos podem agir "pecaminosamente" escolhendo ir contra o *Espírito*, ou podem agir "moralmente" escolhendo ir em direção do *Espírito*, mas essa escolha, apesar de crucial, ainda repousa em um mar de alienações anteriores. Não é por escolher erradamente que os homens e as mulheres geram alienação; mas sim, por escolher corretamente, que ajudam a superá-la.

A falha em captar esse ponto não só desvaloriza o lugar do ego, como também eleva e romantiza a natureza. Ao invés da natureza ser vista como imperfeição inconsciente, ela é vista como perfeição inconsciente, como se fosse possível a perfeição fora da realização do Eu Superior (*Self*). Assim, os estágios iniciais da evolução – pré-pessoais, subumanos, subconscientes – parecem constituir-se em algum tipo de céu transpessoal, quando nada mais são do que forças físicas e impulsos animais.

Desse modo nasceram os mitos do Éden, que, infelizmente, não foram considerados uma alegoria de uma queda prévia constituindo a involução, mas sim como uma história literal do que aconteceu na *evolução* recente da Terra. Naturalmente, os cientistas, que estão corretos ao considerar a perna A-B do processo evolutivo, afirmaram, com satisfação, que quem precedeu os seres humanos não foram anjos e sim macacos, enquanto a maioria das religiões ortodoxas iniciou uma longa série de retiradas indignas e apologias ridículas, tentando impor a aceitação da metade *errada* da sua, em outros aspectos, aceitável visão de mundo, como questão de fé absoluta.

Essa foi uma introdução geral e simples à fpt e suas duas formas básicas de visão de mundo. No resto do capítulo examinaremos como essas duas formas de fpt apareceram, e continuam aparecendo, nas teorias psicológicas, antropológicas e sociológicas. Mas quero deixar muito claro o que pretendo atingir, e o que não pretendo, com a discussão a seguir. Como esta é uma apresentação introdutória, normalmente apresentarei um (ocasionalmente dois) exemplos gerais de cada fpt que discutiremos, evitando, sempre que possível, detalhes técnicos. Isso não significa que eles sejam os únicos exemplos, ou os mais significativos, mas apenas que são os mais apropriados à nossa discussão. O fato de que um teórico particular seja mencionado explicitamente como seguindo uma fpt numa determinada circunstância, não significa necessariamente que ela ou ele cometa a falácia em todas as outras circunstâncias. Também, não pretendo inferir que várias teorias sempre se enquadrem em uma ou outra dessas duas visões de mundo (embora isso ocorra frequentemente) – há algumas variações menores dessa falácia, com combinações e misturas ocasionais entre suas duas formas. Finalmente, muitos teóricos importantes evitam completamente, ou ao menos quase totalmente, o colapso da fpt. Além dos já mencionados Aurobindo, Hegel e Berdyaev, gostaria de incluir Maslow e Assagioli entre os muitos transpessoais que, em minha opinião, não cometem falácias pré/trans significativas. Meu principal objetivo é, simplesmente, usar diferentes exemplos para sugerir como a falácia pré/trans pode estar por trás de várias teorias, pessoais e transpessoais, e como poderemos começar a trabalhar os seus desbalanceamentos.

Exemplos da Fpt nas Teorias Psicológicas

Em *O Projeto Atman*, considerei cerca de doze variáveis e descrevi como o desenvolvimento psicológico humano se move pelos três domínios gerais, no que concerne a cada variável. Essas variáveis incluíam tempo, espaço, lógica abstrata, ego, autocontrole, socialização, moralidade convencional, sujeito/objeto, diferenciação, a noção da unidade ou completude (*wholeness*), mentalidade verbal, clareza de percepção, angústia-culpa, morte-terror. O ponto era que, em geral, o desenvolvimento tende a se mover, por exemplo, dos modos pre-lógico para o lógico, para o translógico (cf. Baldwin); da moralidade pré-convencional para a convencional, para a pós-convencional (cf. Kohlberg); da diferenciação pré-sujeito/objeto para a diferenciação sujeito/objeto, para a diferenciação transujeito/objeto; do id pré-egoico para o ego pessoal, para o espírito transpessoal; e assim continuamos com todas as variáveis.

A conclusão foi que, a não ser que fique perfeitamente entendido como a pré-temporalidade se diferencia da transtemporalidade, como a impulsividade pré-egoica se diferencia da espontaneidade transegoica, como a ignorância pré-pessoal difere da inocência transpessoal, como o impulso pré-verbal difere do *insight* transverbal, como a fusão pré-pessoal diferencia-se da união transpessoal, e assim por diante para cada variável concebível, a fpt entra em ação através de uma das suas duas formas notórias.

No que diz respeito ao desenvolvimento psicológico humano, os dois maiores exemplos da fpt-1 e fpt-2 são, respectivamente, Freud e Jung (embora, como veremos, eles não esgotem o assunto). Freud reconheceu corretamente o id pré-pessoal (A) e o ego pessoal (B), mas reduziu todas as experiências espirituais e transpessoais (C) ao nível pré-pessoal; *insights* transtemporais são explicados como impulsos pré-temporais do id; o *samadhi* transujeito/objeto é visto como uma regressão ao narcisismo pré-sujeito/objeto; a união transpessoal é interpretada como fusão pré-pessoal. Freud segue a VM-1 em todos os aspectos. Obviamente, a VM-1 não está confinada a Freud. Ela se encontra na padronizada e inquestionável ortodoxia ocidental – desde Piaget a Sullivan, a Adler, a Arieti.

Em minha opinião, Jung erra consistentemente na direção oposta. Ele reconhece corretamente, e de maneira muito explícita, a dimensão transpessoal ou numênica, mas frequentemente ele a funde ou a confunde com estruturas pré-pessoais. Para Jung, só há dois grandes domínios: o pessoal e o coletivo – e como Assagioli ressaltou, Jung tende a obscurecer as vastas e profundas diferenças entre o inconsciente coletivo *inferior* e o inconsciente coletivo *superior*; isto é, os domínios do coletivo pré-pessoal e do coletivo transpessoal. Assim, não só Jung ocasionalmente acaba glorificando certas formas míticas infantis de pensamento, como também, frequentemente, dá um tratamento regressivo ao *Espírito*. Desse modo, ele e seus seguidores tendem a reconhecer somente dois domínios principais – o ego e o *Self* – e o desenvolvimento humano é visto como ocorrendo ao longo do eixo ego-*Self*, que é desenhado precisamente como na Fig. 4, com o *Self* na parte inferior e o ego no topo. Isso é pura VM-2 e, como veremos, ela é geralmente aceita por muitos psicólogos transpessoais, mesmo aqueles que não seguem Jung.

Incidentalmente, os jungianos reconhecem que o desenvolvimento ocorre em duas grandes fases: o desenvolvimento e depois a transcendência do ego. Até aí, tudo bem. Entretanto, como trabalham com apenas uma perna do desenvolvimento (B-C), são forçados a considerar que esse eixo simples tem uma dupla finalidade. Ao invés de

perceber o desenvolvimento como indo de A para B, para C, eles o veem como indo de C para B e, depois, *de volta* para C. Não do inconsciente pré-pessoal para o pessoal, para o transpessoal. Não do pré-ego para o ego, para o trans-ego *Self*, mas do *Self* para o ego, e de volta ao *Self*. Em vez da Fig. 1, têm em mente a Fig. 5 que, por conveniência, representam precisamente como a Fig. 4. (O fato da Fig. 5 possuir duas pernas não esconde sua essência de fpt-2.)

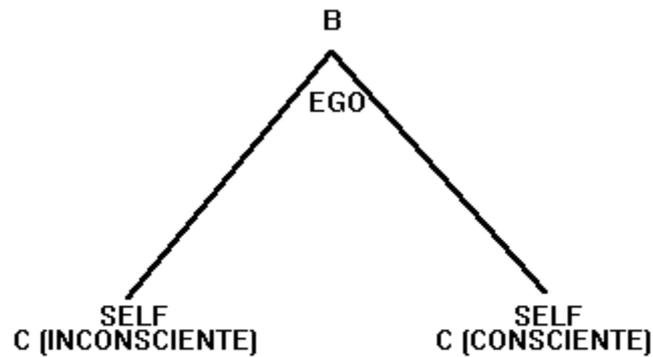


Fig. 5

Nesses tipos de teorias, o domínio pré-pessoal, enquanto domínio pré-pessoal, parece ser deixado de lado. Entretanto, o que realmente acontece, por trás do cenário teórico, é simplesmente que o domínio pré-pessoal é guindado ao status de quase-transpessoal. Entre diversos outros resultados (que investigaremos a seguir), ele aparece como um tipo infantil de Jardim do Éden psicológico. E como todos concordamos que a infância está livre de certas ansiedades conceituais, essa "liberdade" não é devida, em minha opinião, à proteção transpessoal, mas sim à ignorância pré-pessoal, um ponto em que Maslow foi igualmente insistente.

Com efeito, essas teorias colocam um tipo de inversão de rota bem no meio do caminho do desenvolvimento – um simples e previsível resultado da fpt-2. Mas essa inversão parece também estar apoiada em um equívoco. Ao invés de ver que a involução vai de C para B, para A, e a evolução vai de A para B, para C, considera-se A-B como involução (ou o movimento de "maior" alienação – chamado "alienação do *Self*" na teoria junguiana) e B-C como o "único" movimento de evolução. Consequentemente, elas omitem ou negam que A-B é a *primeira* parte da evolução, e que, à medida que a involução ou alienação acontecem, é A, e não B, que está mais distanciado do *Self* (ou *Espírito*). Assim, na VM-2, o ego-mente aparece, erradamente, como o ponto mais elevado de alienação, e não como o ponto mais alto do reconhecimento autoconsciente de uma alienação e o ponto médio do caminho de *retorno* ao *Self*, ou de superação dessa alienação.

.....

O equívoco da fpt-2, que desvaloriza o ego e valoriza o pré-ego, toma proporções alarmantes quando nos leva a algumas formas (certamente, não todas) de psicoterapias "avant-garde", ou de "potencial humano" ou "humanísticas/transpessoais". Colocado de maneira simples, o problema é que muitas pessoas, talvez a maioria, que procuram ou necessitam de terapia, estão sofrendo em grande parte de fixações *pré-pessoais*, dissociações, e obsessões, e não têm a força do ego para transcender essas raivas, impulsos e tendências subumanas que ameaçam sua própria existência. Tratando-se com terapeutas que sigam puramente a VM-2, elas são convidadas a deixar de lado a estrutura da conceitualização e integração egoicas, que elas teriam a necessidade desesperadora de

criar e fortalecer. Esses terapeutas negligenciam o fato fundamental de que, ao desvalorizar os domínios do ego e valorizar os do pré-ego – tais como corpo, impressões, impulsos, sensações, imediatismos experienciais – estão, na verdade, incentivando domínios que são mais egocêntricos e narcisísticos do que o ego, domínios esses que, se não forem transcendidos, constituem grande parte do problema que eles procuram resolver.

.....

Em minha opinião, a psicologia junguiana evita essas terapias e os problemas da VM-2 simplesmente porque enfatiza que primeiro deve-se fortalecer o ego para *depois* transcendê-lo. Entretanto, esse é o *insight* crucial que está faltando em muitas terapias de potencial humano, aquelas que, considerando que o ego é o ponto culminante da patologia da alienação, acabam por fortalecer os pontos que são a verdadeira causa do problema, enquanto denigrem a única estrutura capaz de solucioná-lo.

.....